

# Folha Corrida

## Palavra de Helena

Nelita Leclercy estava, certa feita, em Cannes, onde se realizava um Festival de Cinema. Encontra Clementina de Jesus, que lá tinha ido para apresentar-se em show. Indaga:

— O que você está achando de Cannes, Clementina?

E a outra:

— Muito parecida com a Mangueira.

A moça cuidou: a Quelé está pirada. Ficaram conversando, até que a cantora convidou Nelita para ir ao seu quarto ver umas rendinhas que comprara. Foram. Súbito, Nelita olha pela janela que Clementina abria todas as manhãs: lá embaixo estava uma estaçãozinha. Tal e qual a Mangueira...

Por estas e outras é que não se pode contar países, paisagens, lugares desconhecidos, para os outros. Cada viajante descobre sua própria nação. Certa feita, falava eu entusiasmada do Cairo. Do seu museu, da esfinge, das pirâmides e do balcão que ocupava sobre o Nilo vendo falnas e corvos brancos. As vezes, os corvos cobriam árvores da margem. Ao longo, víamos florestas de árvores brancas. A algum rumor mais rude das falnas nas águas, as árvores todas voavam para um indescritível crepúsculo. Sentia-se um fundo mistério de Oriente. O mundo árabe estava ali, comerciando no enorme mercado. Cada noite, cada dia de Cairo eram-me fascinação e envolvimento.

A senhora que me ouvia e estivera no Egito, fitava-me como se eu descrevesse uma cidade desconhecida. Então, apelei para suas lembranças. Queria conferi-las com as minhas. E ela:

— Só me lembro de que o Cairo era bom lugar para o chá das 5 ali, no Hotel Semiramis. Vinham aqueles negros altos com bules de bronze. Vestiam camisolões e levavam (alguns) turbantes nas cabeças. Eu tinha sempre a impressão de que estava dentro de um filme. Gostava de alguns móveis vitorianos de meu quarto...

Isto era a Mangueira de minha interlocutora...

Na apresentação de meu livro Os Dias Chineses, Mário da Silva Brito escreveu em seu último parágrafo de apresentação:

"Os Dias Chineses revelam um mundo e revelam a autora. Revelam também o leitor. Pois que ele, seduzido pela visão e pela graça de Helena, descobrirá em si uma inesperada sensibilidade. Ou dela terá confirmação, se pertencer ao lúcido clã dos visionários".

Esse "graça de Helena" foi generosidade, mas o "lúcido clã dos visionários", não. Para viajar é preciso ver Mangueira em Cannes, caso contrário não vale a pena. E isto, minha velha e querida Clementina de Jesus, é pertencenao "lúcido clã dos visionários". Graças a Deus, Quelé!

### O Conde

Um dia, Carlos Heitor Cony escreveu uma reportagem para defender uma assassina. Disse uma porção de improcedências, inclusive punha a cidade de São Paulo no

banco dos réus. Dizia que os jornalistas daqui não usavam escrever que alguém se casava e, sim, que convolavam núpcias.

Quanto à moça que já matara marido e ao fim mandava para outro mundo ex-amante, era uma vítima de uma asquerosa sociedade que não a deixara entrar para o Clube Harmonia...

Realmente, deveria ser inserida em nosso código penal uma lei que deixasse matar os recusados dos grandes clubes. Mas aí, seria um assassinio invertido. O recusado é que seria morto. Seria morto para não ser bobo. Punia-se o crime da bobeira: querer entrar para onde não é querido.

Na sua catilinária contra a cidade, à certa altura Cony dizia: "outras cidades têm condes, São Paulo tem o Conde".

Foi um de seus poucos acertos. Nem uma família real se cercaria dos sigilos, dos mistérios, dos mitos criados em torno do Conde, assim, com maiúscula. Dizem que André Maurois fora contratado, ao tempo em que andava no auge da ama, para fazer a biografia do Conde Francisco Matarazzo I. Chegara aqui, fascinado como ficaria qualquer escritor que pudesse tirar seu herói da saga da imigração e deixá-lo, ao final, como fundador de um império econômico que, em seu país, só perdia em rendimento para o Estado de São Paulo. Mas, no palácio da Avenida Paulista já encontrou um conde pronto, feito, acabado. Navio de imigrante era bom só para tema de Lasar Segall. O francês retornou a seu país enquanto a família entretinha a lenda.

O escritor paulista é acusado de não contar a história da industrialização e da riqueza das famílias paulistas, como no Norte, norceste e

sul, fêz-se o registro dos vários ciclos de riqueza: da cana de açúcar à pecuária.

Mas falta-nos essa coisa imprescindível que é o depoimento pessoal. Se batemos em casas árabes só encontramos descendentes do Profeta. Na de italianos, todos vêm da nobreza do século XV, sejam calabreses ou romanos.

Os Lunardelli são dos poucos a assumir a origem. Estes conheceram o navio de imigrantes e o velho Lunardelli podia gabar-se de ter recebido um centro: o de rei do café, que lhe chegara das mãos do velho Schmith. O último, descendente de alemães, foi o dono do mar verde, aquele oceano de cafeeiros que se estendia ao longe, e de tal forma que fechava o horizonte.

Mas voltando ao Conde, falecido esta semana. Iniciava eu minha carreira de jornalista, quando Nabantino Ramos me pediu que fizesse com Piro I a cobertura das festas nupciais de Filly Matarazzo com o filho da célebre beleza que marcara época: Dulce Liberal Martinez de Hoz.

Registrei os presentes que vinham de casas reais do mundo todo, o enxoval com seus lençóis de seda e profusão de rendas. As pompas de um casamento campestre: realizava-se, em parte, na chácara do Conde e em parte no palácio que se punha deslumbrante. Os convidados (todos) recebiam pequeninos vasos de velha porcelana chinesa com tampos de ouro e uma caixinha de ouro com os nomes dos nubentes inscritos.

Filly casou, descasou, trecasou. O castelo da avenida Paulista que se fechava para os desquitados que se tornavam a casar, teve que fazer suas revisões quando a família viu

seus membros apelarem para sucessivas núpcias.

Nunca poderei fazer um retrato do Conde Francisco Matarazzo II senão indo na onda do que virou folclore e peça de teatro de Abílio Pereira de Almeida: os serviços das fábricas de maior gabarito, os chefões, mesmo, ao deixarem uma sala em que estava o Conde, deveriam sair de marcha-a-ré, sem virar as costas para a augusta figura.

Mitos, folclore. Mas, a verdade é que o derradeiro gesto desse homem orgulhoso e imponente me fez pensar, seduzida por ele: não deveria ser tão preconceituoso quanto parecia. Possuindo alguns filhos varões passou seu mandato a uma mulher, a filha Maria Pia. Terminou seus dias acreditando neste nosso segundo sexo. E isto já é alguma coisa para que, pelo menos, a metade da humanidade reconheça-lhe certa grandeza...

### Japão em Maio

Dinah Silveira de Queiroz irá ao Japão no mês de maio. Vai assistir ao lançamento da terceira edição de "A Muralha", fazer conferências em diversas universidades e ser banqueteada em dois palácios. Os amigos japoneses querem, também, que ela, na ocasião, inaugure uma rede de livrarias onde haverá coleções brasileiras. Enquanto ficção, "A Muralha" é o primeiro livro brasileiro traduzido para o japonês.

### Filmes sobre o Nariz

Reuniu-se no Rio, no Hotel Meridien, um Congresso Internacional de Rinologia e plástica do nariz. Nessa ocasião, o dr. Roberto Farina deu uma aula e exibiu três filmes sobre intervenções cirúrgicas feitas por ele no apêndice nasal. Uma dessas películas tinha a abalizada chancela de Benedito Duarte.

### Ovelha Negra

Se Rafael de Carvalho não tivesse a cancha que tem de teatro popular e mesmo de circo, na segunda-feira não teria conseguido terminar seu espetáculo de estréia no Aplicado, sacudido por um temporal que fazia um ruído ensurdecedor no telhado de zinco. O público, entusiasmado com a garra e o bom humor com que o artista enfrentava os elementos, aplaudia sem cessar as variadas interpretações de Rafael no seu folclórico SOCO, um misto de anedotário, cantoria e dramatização que teve a experiência de Luis Mendonça na direção.

Rafael, após suas interpretações consagradas em GABRIELA e SARAMANDAIA, no final do espetáculo confessava não ter dificuldade maior em sair desses atoleiros com sua combatividade de parai-bano do sertão. Proclama ele que tudo isso é moleza para quem como ele, acaba de se destacar do rebanho da Globo, onde o pintam como ovelha negra...

Helena Silveira

